

Apelo de Reagan para baixar juros

O presidente dos EUA pede ajuda dos banqueiros para conter a alta dos juros, que pode prejudicar sua reeleição.

Certo de que novas elevações da taxa de juros poderão complicar sua reeleição, considerada relativamente fácil até agora, o presidente dos EUA, Ronald Reagan, decidiu empenhar-se pessoalmente na tentativa de evitar novas altas. Para isso, ele deverá reunir-se com os principais banqueiros norte-americanos nos próximos



dias, e, segundo um de seus assessores, tentar "convencê-los de que, se eles o ajudarem nesses meses que faltam para as eleições (evitando novas altas dos juros), terão um amigo na Casa Branca por outros quatro anos".

De acordo com o jornal USA Today, os estrategistas da campanha de Reagan acreditam que ele é a pessoa mais capacitada para mostrar aos banqueiros sua amizade pelos empresários, e que novos aumentos dos juros poriam em perigo sua continuidade na presidência da República.

Entretanto, outras fontes lembram que as dificuldades internas não são a única preocupação de Reagan e dos banqueiros. Na verdade, eles também estão preocupados com a possibilidade, considerada muito séria, de que os países em desenvolvimento altamente endividados se juntam e decidam suspender o pagamento do serviço da dívida até que os juros sejam mais razoáveis.

O presidente do maior banco do mundo, o Bank of America, Samuel H. Armacost, já deixou clara essa preocupação e vem defendendo "ajustes flexíveis" por parte dos bancos credores, para atenuar o efeito da alta dos juros sobre os países devedores. Embora já se tenha declarado contrário a "limites arbitrários aos custos dos empréstimos", ele reconheceu ser necessário "algum tipo de limite em níveis razoáveis e flexíveis". O objetivo seria evitar que os países devedores fossem obrigados a despendem enormes quantias a cada ele-

vação da prime-rate, por exemplo.

— Se adotada universalmente pelos credores, essa política poderia eliminar incertezas nas nações que conseguiram ajustar com êxito suas economias — lembrou Armacost.

A adoção de um teto para os juros pagos pelos devedores, entretanto, foi criticada ontem pelo Wall

Street Journal, que considerou essa medida de "duvidosa eficácia" a longo prazo. Segundo o diário, especializado em economia e finanças, essa proposta só teria algum valor como um meio para estabelecer de maneira realista o montante dos empréstimos concedidos aos governos do Terceiro Mundo pelos bancos internacionais, baseando-se nas probabilidades que estes têm de recuperar seu dinheiro.

Em editorial sobre a gravidade do problema da dívida dos países em desenvolvimento, o jornal afirma que as consequências do endividamento devem ser pagas tanto pelos tomadores como pelos bancos, e critica a política de ajustes econômicos adotada pelo FMI.

— Se os países endividados pagam o preço de uma drástica redução em seus níveis de vida, os bancos também devem assumir sua responsabilidade, porque se não sofrem as consequências de sua má política creditícia, continuarão incorrendo nela — observou The Wall Street Journal.

Em relação ao FMI, o jornal afirma que este organismo prescreve uma medição econômica de discutível eficiência, ao propor ajustes de curto prazo que "às vezes tendem a agravar os problemas a longo prazo". O diário diz ainda que reduzir os níveis de vida só para "acumular capitais destinados a serem exportados em forma de amortizações da dívida não dá resultado positivo algum, a menos que os problemas estruturais da economia sejam resolvidos".